

RESENHA:

SANTOS, Fernando Pereira dos. **A conduta marcial inglesa na Guerra dos Cem Anos:** um estudo sobre os ditames morais do conflito ao final da Idade Média (1400-1453). Florianópolis: UDESC, 2022.

REVIEW

SANTOS, Fernando Pereira dos. **A conduta marcial inglesa na Guerra dos Cem Anos:** um estudo sobre os ditames morais do conflito ao final da Idade Média (1400-1453). Florianópolis: UDESC, 2022.

PALOMA CAROLINE CATELAN ¹

O estudo da guerra na Idade Média é um tema amplamente trabalhado desde a segunda metade do século XIX. No entanto, longe de ser um tópico esgotado, muitas temporalidades e lugares ainda carecem de um olhar mais circunspecto pela medievalística nacional. Uma contribuição singular apresenta-se com a obra *A conduta marcial inglesa na Guerra dos Cem Anos: um estudo sobre os ditames morais do conflito ao final da Idade Média (1400-1453)*, de autoria de Fernando Pereira dos Santos, Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - FCHS/Franca, especialista em história medieval inglesa, atuando sobre o tema das prescrições morais sobre a atividade marcial na Guerra dos Cem Anos (1337-1453).

Resultado de sua tese de doutoramento, a obra, publicada em 2022 pela Editora da Universidade Estadual de Santa Catarina (EDUSC), inova ao trilhar uma dupla via: ao mesmo tempo em que apresenta ao seu leitor um tratamento refinado de documentação produzida em língua inglesa, ainda pouco explorada no Brasil, o autor pauta sua investigação ao perscrutar sobre ditames morais que

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCHS). Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Bacharela e Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). E-mail: paloma.catelan@unesp.br.

integraram os entendimentos sobre a guerra ao longo da primeira metade do século XV entre escritos daquele importante recanto da Cristandade.

Muito embora os estudos medievais no país tenham ampliado seu escopo de investigação nas últimas décadas, ainda é notório que este labor historiográfico seja pouco voltado para o espaço britânico.² Nesse sentido, um dos pontos fortes da obra de Santos é o diálogo equilibrado entre estudos seminais da medievalística anglófona, representado por estudiosos como Anne Curry, Jonathan Sumption, Maurice Keen e Michael Prestwich. Além disso, outro destaque é seu laborioso emprego de escritos contemporâneos, dentre os quais figuram crônicas, tratados, documentos legislativos, cartas produzidas por ingleses ou mesmo no âmbito da produção a serviço da Coroa, que permitem uma ampla percepção sobre o funcionamento da guerra nas mais diversas etapas da logística do conflito, que foram do alistamento, transporte e alimentação de hostes, pagamento de guerreiros, até as percepções frente às agruras enfrentadas pelos combatentes que cruzaram o chamado Mar Estreito em defesa dos pleitos dos monarcas ingleses pelas terras do além-mar.

Frente ao fôlego investigativo para lidar com um bom número de estudos e documentos do período, um outro aspecto singular foi a abordagem que dedicou à temática da obra. Ao passo em que a historiografia inglesa dedicada aos conflitos travados entre ingleses e franceses volta suas inquições para a compreensão de aspectos técnicos do fazer bélico, a exemplo da organização das tropas, do perfil do combatente, dos danos causados pela passagem de guerreiros no entorno das cidades, do prejuízo econômico causado pelas campanhas de saque; tal historiografia habitualmente relega a segundo plano as recomendações e reprovações sobre o conflito elaboradas pelas penas de eclesiásticos e também dos homens com participação direta na atividade

² Uma amostra é o levantamento realizado pelo professor da Unifesp, Fabiano Fernandes, em que coteja a produção de historiografia medieval em dois importantes polos acadêmicos do Estado de São Paulo: Unesp e Unifesp. Tal levantamento apontou que uma ínfima parcela das dissertações e teses defendidas em ambos os programas de pós-graduação dedicaram-se aos estudos das ilhas britânicas. Ver: FERNANDES, Fabiano; CRUZ, Paulo Christian Martins Marques da. *A produção recente em História Medieval na UNIFESP e UNESP: um esforço interpretativo*. In: Clinio Amaral, João Lisbôa. (Org.). *A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017*. 1ed. Curitiba: Prismas, 2019, p. 117-134.

marcial. É nesse ponto em que a obra de Santos se destaca, pois é na brecha entre a moralidade e a licitude do fazer marcial que o autor se debruça para perceber incômodos com a condução do conflito por parte de homens do período. Em suas palavras, para além dos sem-número de vicissitudes inerentes ao fazer bélico, um obstáculo em particular destacou-se dentre as preocupações dos súditos Lancaster, "a condução imoderada do conflito marcada pelos desvios correntes dos homens a governá-lo." (SANTOS, 2022, p. 13).

Nesse sentido, a obra em tela insere-se nessa lacuna deixada pela historiografia. Dividida em três capítulos, o autor pretendeu compreender que o modo de se relatar a guerra, necessariamente, integrou-se às concepções do que se julgava legítimo para a realização do conflito. Destarte, no primeiro capítulo, o autor pondera sobre a produção letrada inglesa acerca da guerra com recuo até o século XIV, quando se iniciam as animosidades que levaram ao conflito entre os Plantagenetas e os Valois. Nesse sentido, o intuito de Santos foi pensar não apenas sobre aquilo que se falava sobre os guerreiros, mas também circunscrever escritos feitos sob o amparo de cavaleiros, uma vez que teria havido uma transformação, tanto nos códigos quanto na composição daquilo que se entendia por cavalaria, em decorrência das próprias transformações ocorridas durante as muitas décadas de conflitos. Isso posto, um elemento central foi o de observar que os inimigos franceses e seus aliados têm imputados a eles o estigma da traição como uma marca moral de sua conduta na guerra, pois, aos olhos do próprio monarca inglês Henrique V (1413-1422), haveria uma "propensão dos franceses em agirem com falsidade e de modo traiçoeiro contra nosso território" (SANTOS, 2022, p. 155) por se aproveitarem, há séculos, de períodos de paz para reforçarem suas defesas e se reorganizarem frente a uma retomada do conflito em momentos mais favoráveis. Tal ponto ganhava contornos de importância para os ingleses por tratar-se de um conflito de homens da mesma fé que subvertiam parâmetros do código de cavalaria e, ainda mais grave, da própria Cristandade.

Um outro ponto alto da obra de Santos é observar que, para além das acusações contra os adversários, os escritos ingleses direcionaram suas admoestações contra aqueles mesmos homens que deveriam defender os

interesses da Coroa por meio da guerra. Dessa maneira, o autor aponta para os contornos do modelo ideal de guerreiro, que deveria somar a manutenção da palavra dada, aspecto honorífico inerente aos seguidores dos códigos da cavalaria, com a observação diligente de preceitos cristãos na condução das armas. Tal modelo apartou-se diante de uma realidade moldada pela alteração no perfil dos combatentes, pois, se nas décadas iniciais do conflito a nobiliarquia destacou-se na função marcial, a partir da passagem do XIV para o XV, homens de menor estatura social engajaram-se mais ativamente nos conflitos. Em outras palavras, uma hipótese levantada é a de que tal alteração pode ter sido a fonte das reprovações daqueles tradicionalmente habituados a relatar um fazer da guerra liderado pela nobiliarquia, e, agora, feito por esses homens.

Se esses pobres homens, apartados da alta nobiliarquia, gradualmente passam a encabeçar a máquina de guerra inglesa, estariam os mesmos atentos aos antigos códigos de cavalaria que atravessavam tratados compostos ao longo da Cristandade por séculos? Na perspectiva do autor, não, pois o olhar moralizador via com desconfiança as ações daqueles homens em territórios como a Normandia e Maine. Suas preocupações estavam voltadas para alguns campos que, há séculos, incomodavam tratadistas e que eram observadas rotineiramente nas práticas desses guerreiros. Alguns desses problemas seriam os apetites do corpo e o direcionamento inadequado das armas, a exemplo de quando o monarca Henrique V menciona, em suas ordenações, que as prostitutas deveriam permanecer distantes das tropas sob a pena de terem seu braço quebrado, pois poderiam levar ao dispêndio da potência corpórea dos combatentes com elementos alheios ao conflito (SANTOS, 2022, 191).

Santos também observou que não apenas questionava-se o descomedimento de homens que voltavam suas armas contra as regiões que deveriam proteger, como houve relatos daqueles que se recusaram a combater. Aquela teria sido uma provável reação perante os perigos inerentes ao conflito, tanto para o corpo do combatente, como a morte, mutilação e encarceramento, quanto para o seu lugar social, a exemplo do empobrecimento decorrente do custeio de resgate ou indenizações por condutas imoderadas. Em suma, a busca por riquezas era um fator inerente à guerra, porém, na perspectiva inglesa

quatrocentista, ao contrário do que acontecia até o século anterior, a cobiça daqueles homens menores vinha levando ao descuido no fazer da guerra e, conseqüentemente, teria sido um dos eixos da derrota inglesa.

Frente aos pontos apresentados, a investigação de Santos tem êxito justamente por colocar em relevo aspectos da moral contemporânea que deram corpo às explicações para os insucessos ingleses, culminando no seu expurgo quase que por completo das terras continentais após décadas de domínio sobre uma parte significativa do reino da França. Vale ressaltar, entretanto, que se o estudo priorizou os descaminhos, ainda há espaço para investigações sobre os bons modelos de conduta marcial. Afinal de contas, para além de elencar razões para o infortúnio bélico, quais teriam sido os ditames a circunscreverem condutas entendidas como exemplares que, se emulados, poderiam, segundo os entendimentos contemporâneos, levar ao sucesso militar?

REFERÊNCIAS:

FERNANDES, Fabiano; CRUZ, Paulo Christian Martins Marques da. A produção recente em História Medieval na UNIFESP e UNESP: um esforço interpretativo. In: Clinio Amaral, João Lisbôa. (Org.). **A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017**. 1ed. Curitiba: Prismas, 2019, p. 117-134.

Recebido em 21 de outubro de 2022.

Aprovado para publicação em 21 de janeiro de 2023.